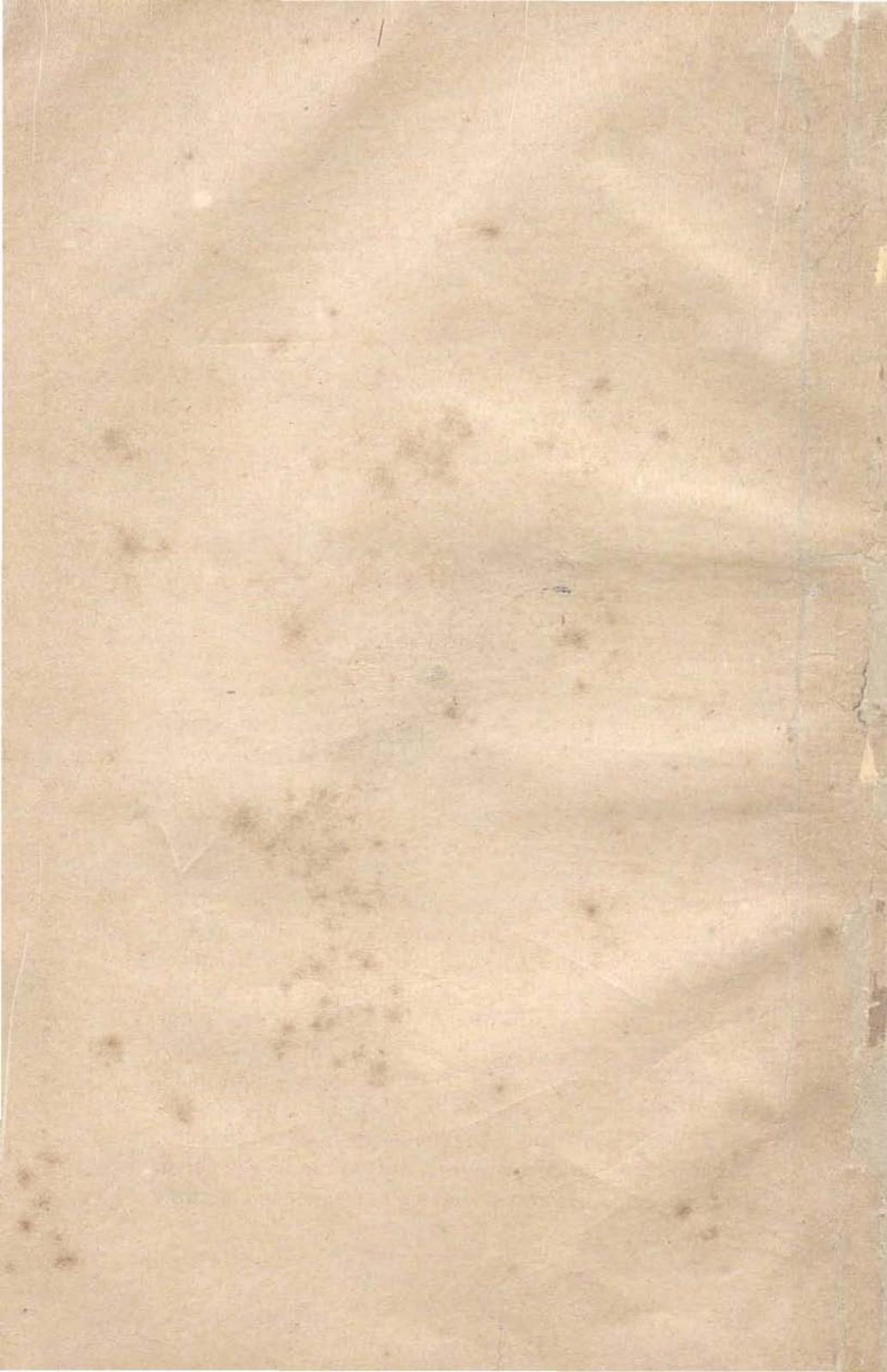


DISCURSO

PRONUNCIADO PELO

Dr. Ruy Barbosa,



MINHAS SENHORAS.

MEUS SENHORES.

Quando o fluido de uma idéa poderosa impregna o ambiente, em solemnidades como esta, indifferente é a personalidade do orador : não sei explicar de outro modo a nomeação da minha incompetencia para o encargo e a honra da palavra nesta festa magnifica. Qualquer, em taes occasiões, póde ser o interprete de todos. De um fragmento de treva, como o carvão, que é, digamos assim, a humildade mesma, a physica faz brotar, com todos os seus prestigios e deslumbramentos, o jorro luminoso da chamma que Franklin arrebatou ás nuvens do céu. Dos esplendores d'essa maravilha a que principio, a que força attribuireis a gloria ? A' substancia trivial, inerte, sombria como a propria obscuridade, que prestou a sua materia á composição dos electrodes ? Não ; ao elemento magico, origem de movimento, de calor e de luz, cuja corrente, mysteriosa no seu curso, irrompe como um foco sideral na extremidade obscura e

passiva do conductor. Em momentos como este dir-se-hia que a tribuna offerece a imagem moral do arco voltaico. A individualidade, mediocre, ou nulla, do orador desapareceu, como o elemento infimo do carvão nos polos da lampada inflammada. Ha, não obstante, phenomenos de irradiação ; ha clarões ; ha relampagos ; ha estremecimentos ; mas tudo isso é a alma dos grandes auditorios ; é a incandescencia das commoções superiores ; é a electrisação da atmosphera pelo espirito ; é a scintilla imponderavel dos altos sentimentos humanos ; é a civilisação, a patria, ou a humanidade, que se agita, sob o fluido irresistivel das inspirações desinteressadas.

Benvindo o meteoro radiante e purificador ! No meio da indifferença que gela a nossa nacionalidade, alguma coisa dir-se-hia ter este spectaculo da calma exuberancia de uma aurora boreal doirando as solidões polares. O que nos conforta, porém, aos que ainda esperamos, é que, contra a esterilidade derramada sobre o torrão patrio pelas influencias dirigentes, ha, na obra desta instituição e na physionomia desta assembléa, alguma coisa mais ; um como fusilar benefico de céu tepido do estio, aljofrado das primeiras gottas de agua restauradora, sobre a terra fatigada e sedenta.

O homem que concebeu a idéa deste instituto, creou para o seu paiz um mundo novo. Nos annaes do progresso brasileiro a justiça lhe assegura um logar entre os grandes descobridores, entre os antecipadores immortaes do futuro. Vós conheceis a Odyssea desta *loucura* sublime. Nascida entre desdens, peregrinou, luctou, esmolou longos annos : subio a escada do poder indifferente, mais dura, mais avara, mais humilhadora que aquella cuja reminiscencia amarga nos versos do Dante ; desceu, muitas vezes, despedida como a indigencia menosprezivel da ociosidade ociosa, ou inutil. Orçamentos

e ministros houve, que não tiveram para ella a miseria de tres contos de réis, — este ridiculo, uma gratificação de secretaria. Graças a esta vergonha, mercê de cidadãos sem luz e de governos sem providencia, a sua lampada chegou a apagar-se temporariamente para o povo. Mas a fé não lhe desmaiou, a fé que o poeta de Evangelina semelha á *flor da bussola*, a agulha do caminheiro no oceano sem limites dos prados americanos, « que o dedo de Deus pendeu da vergonhea fragil, para guiar os passos do viajor na desconhecida immensidade do deserto. » (*) E venceu. A intelligencia começou a repontar de muito longe na esphera official. Está ainda no periodo crepuscular, menos que na ante-manhã. Não vem do alto como o raio meridiano do sol. E' de baixo que ella parte : da fimbria indistincta do horisonte ; das classes em cujo nome se governa, e que ainda não governam ; da reacção democratica ; d'aqui, de onde já não supplica : mostra-se, e impõe-se, como a divindade antiga : *Et vera incessu patuit dea*.

O *Lyceu de Artes e Officios* é a encarnação mais efficaç e mais completa deste movimento. Abri os olhos no seio delle, e involuntariamente perguntareis : E' o Brazil ? Eu ia perguntar : E' a rotina ? Não. E' uma visão realisada. E' uma miragem colhida por um genio. E' um oasis no arêal. E' o futuro. De ora ávante, se quizerdes determinar a estatura aos estadistas nacionaes, tendes aqui a medida : afferi-os pelo zelo com que tractarem esta casa, — permitti-me dizer-vos : este templo. Porque ? Porque o *Lyceu* encerra em si a fórmula

(*) Look at this delicate plant that lifts its head from the meadow,
See how its leaves all point to the north, as true as the magnet ;
It is the compass-flower, that the finger of God has suspended
Here on its fragile stalk, to direct the traveller's journey
Over the sea-like, pathless, limitless waste of the desert.
Such in the soul of man is faith.

(LONGFELLOW : *Evangeline*, Part the second, IV.)

mais precisa da educação popular, e a educação real do povo é a educação da nação. Essa formula tem dois termos capitães : a educação pela arte e a educação pela mulher.

Os vinte e seis annos de idade que limitam a existencia deste estabelecimento, marcam quasi exactamente a historia da evolução intellectual que ultimamente fez baixar a cultura artistica, da região desse Olympo, inacessivel ao vulgo, em que o mantinha um erro canonizado pelos seculos, ao seio de todos, como membro integrante da educação commum. Este resultado, incomparavel talvez nos annaes da civilisação durante o seculo XIX, é uma conquista das exposições internacionaes.

A noção da arte applicada, como elemento essencial a todos os productos da industria humana, não existia, por assim dizer, antes da centuria que atravessamos. A Escola dos Bronzistas Francezes, a Escola Industrial de Tolosa, as de desenho e pintura na fabrica de porcelana de Sèvres e raros institutos mais constituíam, até ao fim do seculo XVIII, os mais consideraveis, senão os unicos nucleos de educação technica nesta ordem de estudos, num paiz, como a França, aclamado, entre todos, como o mais consummado productor de trabalhos de gosto industrial nos tempos modernos. A instrucção artistica não revestira esta forma geral. Era ainda um culto mal humanizado, que o ciume dos levitas vedava á profanidade do tracto vulgar. O aspirante á iniciação nos seus mysterios penetrava na tenda do mestre, não para formar systematicamente a sua vocação, mas para colher a alma do artista esparsa no sacrario da officina, a sua intuição, a sua inspiração, o seu estylo pessoal. O publico e o operario eram ignorados pela arte.

A exposição de Londres em 1851 foi o começo da nova éra. Ella « fez pela arte, entre os inglezes, o que

Socrates fizera pela philosophia, quando a trouxe dos numes aos homens : ensinou ao povo britanico que a deusa podia habitar sob o tecto de qualquer familia, como num palacio veneziano. » A supremacia ingleza sahio corrida do certame internacional. A sua preponderancia politica, a sua soberania monetaria, a enorme potencia mechanica accumulada nas suas fabricas não a salvaram ! O colosso recebeu a mais severa das humilhações. A disformidade do cyclope foi desbaratada por uma omnipotencia inpalpavel : a do ideal, transmittido á materia pela mão habil do artista. Esse revez, porém, foi o começo de uma transfiguração. Magoada, mas resoluta, a grande nação comprehendeu a situação inevitavel, e resolveu-a. Com raras excepções, as suas industrias tinham se assignalado por uma grosseiria rudimentar. O paiz inteiro estremeceu ; mas o paiz estava salvo, como todos os paizes onde a capacidade governa ; porque os homens de estado inglezes tiveram a fortuna de perceber a causa, subtil, obscura, solapada, mas decisiva, desse desastre. Sabeis o que, na opinião dos inglezes e do mundo, derrotara a Inglaterra ? Um *nada*, (aqui, deste alcañtil da nossa superioridade, aqui entre nós o podemos dizer) ; uma causa extravagante, frivola, pueril, aos olhos da gente practica e sabia como nós : o deleixo do ensino do desenho. O governo viu-o ; o governo creu-o ; o governo proclamou-o ; o governo estabeleceu que, para a rehabilitação da potestade ferida de Albion, só havia um meio : uma reforma radical do ensino do desenho em todas as escolas. E alli os governos não promettem : annunciam, e executam ; alli não se addia a satisfação das necessidades publicas ; não se ladeiam as questões : encaram-se, estudam-se, resolvem-se virilmente. E' um povo ; não um armentio de almas. Já nos fins de 1851 se apontavam as medidas. No anno seguinte lançaram-se as primeiras pedras do

4

immenso monumento, de que a escola de South Kensington, com o seu museu, é o centro, e que consomme á Inglaterra sommas espantosas. Numa palavra, esse ensino, que até 1852 não existia naquelle paiz, em 1880 se ministrava, nos cursos superiores desse instituto, a 824 alumnos, em 151 escolas de desenho a 30,239 pessoas, em 632 classes especiaes a 26,646 discipulos e, em 4,758 escolas primarias, a 768,661 creanças.

A historia ainda não viu medicina de effeitos mais heroicos. Onze annos bastaram para uma revolução. Quando a França, na exposição de 1862, levantou a cabeça de cima dos seus loiros, fugiu-lhe o sangue ás faces. O sceptro do gosto vacillava-lhe nas mãos. Os homens competentes deram o grito de rebate de um grande perigo publico, vaticinando, para um futuro extremamentê proximo, a ruina da influencia franceza no mercado industrial, se o exemplo de além-Mancha não despertasse a mais pressurosa emulação no seio do paiz ameaçado. A exposição de 1867 aggravou a imminencia da calamidade, obrigando Napoleão III a consignar, do alto do trono, em palavras memoraveis, a seriedade do mal. Ao mesmo tempo, descobria-se que a Austria, desde 1863, entrara em competencia tão brilhante quão intrepida com a iniciadora desse movimento prodigioso. Desde então o contagio bemfazejo assenhoreou-se de todo o mundo civilizado. O ensino do desenho inundou a Allemanha, que, ainda entre a embriaguez das suas victorias de 1871, não se envergonhou de inaugurar uma propaganda official, estimulando nessa direcção com a primazia artistica dos vencidos o brío civico dos triumphadores. Hoje o ensino popular do desenho, que em si encerra a chave de todas as questões e de todos os destinos no dominio da arte, é, entre todas as nações cultas, um factio total ou parcialmente consummado. Já se pode escrever que esse *desideratum* fixa em si *a grande preocupação dos nossos dias*.

Os resultados, de admiraveis, orlam pelo inverosimil. Os povos outr'ora mais refractarios ao gosto e á sciencia das applicações decorativas da arte revelaram aptidões imprevistas. A exposição de 1878 arrancou á França um clamor de alvoroço. Ainda uma vez ella sahia da liça dolorosamente impressionada. Todos os generos de producção artistica suscitavam-lhe competidores formidaveis. A crytalleria ingleza rivalisava com a sua nas qualidades estheticas, ao mesmo passo que se lhe avantajava na belleza da materia prima. A vidraria da Bohemia e deVienna inspirava um interesse excepcional; os productos encantadores e preciosos de Veneza, nesta ordem de trabalhos, não encontravam similares em França. Na classe das tapeçarias a palma coube, por assentimento unanime dos competentes, aos artistas do oriente e de Bruxellas. Nas obras de marceneria, Londres rivalisava absolutamente com Paris, quer quanto á concepção, quer quanto á execução material. Na pintura em vidro, a Inglaterra nada teve que invejar á sua visinha, já pela intelligencia da concepção, já pelo engenhoso do espirito, já pela habilidade do pincel, já pela delicadeza de sentimento do colorido, já pela harmonia do conjuncto. Na ceramica, em geral, e na ourivesaria, os Estados-Unidos, cuja industria alias, mais inventiva que artistica até então, só em 1870 principiára a receber seriamente o beneficio de uma educação technica, provocaram, com a inesperada concurrencia de artefactos admiraveis, uma explosão de entusiasmo. Em summa, a competencia estrangeira, n'algumas industrias de arte excedia, na mór parte egualava, e nas demais se deixava presumir que não tardaria em desafiar a antiga eminencia da patria occidental do bello na idade contemporanea. D'este modo, emquanto, por um lado, sentia oscillar a sua gloria artistica, a França experimentava, por outro, um profundo abalo nos seus interesses mercantis : a ex-

portação entrou a decrescer constantemente, enquanto, ao mesmo passo, a importação avultava em proporções consideráveis, affluindo a disputarem com a França, no mercado nacional, os productos da arte advena.

Ainda uma pagina, pois, da historia humana, para demonstrar que a intelligencia e a educação constituem o mais alto de todos os valores commerciaes, a nascente mais caudalosa da riqueza, a condição fundamental de toda a prosperidade. Foi assim em todos os tempos. Derramando a arte a plenas mãos é que Pericles reconstituiu Athenas dos desastres da lucta com o oriente; e, quando, entornada a flux, por toda a parte, a actividade artistica no seio do povo, o grande homem pareceria dissipar os thesoiros da republica, a democracia atheniense, crescentemente prospera, satisfeita e poderosa, ensoberbecia-se do chefe cuja magnificencia liberal fizera do genio de Phidias, servido pelo genio popular, o instrumento miraculoso de um predominio indisputavel sobre a terra hellenica. Era um capital inalienavel, cujos recursos alimentaram até aos ultimos dias a vida moral e economica d'aquella que ficou sendo, na memoria dos homens, a metropole eterna do espirito e da graça.

Assim tambem, é em nome do seu commercio periclitante que o patriotismo francez appella energicamente para a vitalidade inexaurivel da nação, renascente da catastrophe da ultima guerra. Uma resolução perseverante impelle o Occidente inteiro a furta-se á soberania artistica da antiga rainha, que desde a edade média os subalternisava; os povos menos preparados para essa reacção, idealista e economica a um tempo, porfiam em assimilar ás suas idéas, aos seus costumes, ás suas necessidades os processos estheticos e os meios de fabricação da arte antiga. Um pouco mais, e a laureada soberana, se não defender com todas as forças a

honra da sua posição, copiando o exemplo dos vassallos insurgidos, não tardará em descer á cathogoria de tributaria. Chega a receiar-se a possibilidade de que a exportação, já consideravelmente reduzida, acabe por extinguir-se de todo. Confrontado o decennio de 1846 a 1856 com os doze annos de 1856 a 1868, a exportação de productos de arte industrial baixou, em França, de 418 a 350 milhões, ou de 35 a 16 por cento sobre a exportação total, emquanto, na Inglaterra, ascendia de 413 a 855 milhões de francos. Se não basta a lição, vede a Austria : « *d politica economica de arte* », fundada, em 1846, n'uma gigantesca escala, com a inauguração do museu artistico, deve ella os recursos que a habilitaram a reparar as desgraças do cataclysmo financeiro de 1879, que custaram á monarchia a estupenda somma de 2000 milhões de florins, quasi tanto quanto o resgate imposto pela Allemanha ao territorio francez.

Que agente é esse, capaz de operar no mundo, sem a perda de uma gotta de sangue, essas transformações incalculaveis, prosperar ou empobrecer Estados, vestir, ou despir, aos povos o manto da opulencia commercial ? *O desenho*, senhores, unicamente, essa modesta e amavel disciplina, pacificadora, communicativa e affectuosa entre todas : o desenho professado ás creanças e aos adultos, desde o *Kindergarten* até á universidade, como base obrigatoria na educação de todas as camadas sociaes. *Um quarto de seculo* bastou-lhe, para revolucionar assim as idéas, e produzir, na face das maiores nações, essas estupendas mudanças.

Bem ides vendo, senhores : nao é possivel estar dentro da civilização e fóra da arte. Não que pretendamos resurgir a Grecia, erguer em cada cidade a Acrópole e o Hecatómpedon, elevar todos os espiritos até á alta idealidade do genio attico. Athenas não se reproduz : o seu papel é ficar sendo para todos os tempos uma purifica-

dora do gosto, nm archétypo inimitavel da belleza plastica, na estatuaria e na esculptura, como na lyra épica. A pureza inalteravel daquelle objectividade que lhe caracteriza as maravilhas da inspiração no estro e no cínzel, não se póde communicar á indole da civilização moderna. Nem o fim da educação contemporanea pela arte é promover individualidas extraordinarias, mas educar estheticamente a massa geral das populações, formando, a um tempo, o consummidor e o productor, determinando simultaneamente a offerta e a procura nas industrias do gosto. A faculdade de sentir, admirar e gosar o bello existe virtualmente em todas as almas ; é, em todos nós, apenas questão de cultivo. A arte não tem por missão exclusiva cingir com o friso panathenico a frontaria do Parthenon. Ella aformoseia a utilidade ; tem para as mais modestas condições humanas o toque de uma seducção ; compraz-se no colossal esplendor da Athenè Prómachos, ou na belleza ineffvel da Venus de Milo, como na concepção singela do mais humilde objecto de uso commum. As linhas de um artefacto ordinario pódem revelar o dedo de um artista. Utensilios que datam das boas épocas da antiguidade, um cantaro, uma lampada, uma amphora commun, do mais baixo valor intrinseco, impressionam, todavia, pela pureza das fórmas, pela formosura do traço. Nos productos de serventia mais usual os gregos imprimiam estylo e distincção. A industria daquelle povo divino, que elevou a simplicidade até o sublime, não conheceu a vulgaridade, ainda nas infimas producções do trabalho. Quando a influencia das officinas de Phidias animava, em Athenas, de uma vida superior a arte industrial, a inspiração do mestre, communicou-se aos minimos artigos de invenção attica : sob a apparencia insignificante do mais pobre vaso de *terra-cotta*, por entre o mais singelo relevo de uma sepultrna despre-

tenciosa, sobresaie sempre o sentimento da corecção plastica, a nitidez da execução, a serenidade perfeita e a dignidade moral que caracterizam as creações phidianas. O contacto de um povo educado ha de gravar em todas as coisas, ainda nas de menos estima, o sello artistico da sua originalidade. Nos objectos mais familiares a importancia da mão d'obra culta sobreexcede incomparavelmente o preço do material: a cada um o seu character de belleza propria, em que a orientação do gosto se allie á conveniencia practica do seu destino.

As leis do bello ajustam-se a todos os graus da fortuna. Essa aristocracia do espirito que o gosto presuppõe, não depende absolutamente da riqueza, mas da elevação das impressões, da nobilitação do sentimento, da intelligencia delicada das relações entre o individuo e o mundo exterior, condições que o tornam compativel com a mediania das classes laboriosas. E' uma réstea de luz, quo o luxo reproduz de prisma em prisma nos paços sumptuosos do argentario, mas que penetra e acaricia com toda a doçura da sua claridade a casa sóbria do homem de trabalho.

Eis a arte que hoje celebramos aqui: aquella que dignifica as necessidades mais habituaes da nossa passagem pela terra; que irradia sobre todos os momentos da nossa vida; que se dedica á felicidade da maioria dos homens: a arte applicada... Certo não serei eu quem conteste o principio da unidade superior da arte. Entre a arte alliada á cultura industrial e as bellas artes, não ha distincção substancial, não ha divisória insuperavel, não ha heterogeneidade. Nem a Grecia, nem Roma, nem a Renascença conheceram essa demarcação. Phidias reflecte-se nos artefactos do ultimo oleiro atheniense, como nas columnas do Parthenon, na face augusta de Zeus, ou na dignidade inexprimivel de

Athenè. Pertence á industria, ou á arte, Lourenço Ghi-
berti, o fundidor de bronze, Benevenuto Cellini, o ouri-
ves, Bernardo Palissy, o oleiro, Pénicaud, o esmal-
tador, Pinaigrier, o vidreiro, Boule, o ebanista? A
industria, nos nossos dias, utiliza, nas suas mais finas
creações, o genio e a habilidade artistica no mais ele-
vado grau. Entre esses dois dominios, que se discrimi-
nam simplesmente por uma gradação de matizes, ha
uma dependencia indissolúvel: não é possível appa-
relhar o artista para as artes industriaes, «sem appro-
ximal-o, até certo ponto, da vereda que conduz á grande
arte.»

Na essencia, pois, as bellas artes e as artes indus-
triaes são duas naturezas homogeneas e homorganicas.
Todavia, não se lhes confundem os papeis. Uma olha a
effeitos superiores: é o fim de si mesma; paira indepen-
dente nas regiões do ideal. A outra tende a esparzir o
bello nos habitos mais frequentes da existencia humana.
Uma não se entrega, senão a uma familia necessaria-
mente mais ou menos limitada de espiritos distinctos;
a outra não se recusa a ninguem. Uma repelle a con-
vencionalidade; imita livremente, nas suas concepções,
as fórmãs da natureza. Na outra, cuja lei é tractar como
simples *motivos* as apparencias geraes da criação, es-
tylisando-as em typos de belleza, a tendencia natura-
listica exprime a incapacidade do artista e a sua estra-
nheza aos methodos historicos.

Eis a arte applicada. E' como um talisman a sua
influencia: improvisa, nos Estados que a esposam, a
mais deslumbrante opulencia; exerce, nos concursos in-
ternacionaes da industria, a mais irresistivel das fasci-
nações; cria a independencia e a dignidade das classes
operarias; espalha a suavidade do conforto e da elegan-
cia nas nossas casas; perfuma o coração, e sublima o espi-
rito da mulher; faz mais adoraveis as nössas mães, faz

mais angelicas as nossas filhas, faz mais amaveis as companheiras da nossa vida. Franqueia, na escola superior de South Kensington, uma classe especial ao cultivo dos trabalhos de agulha; e, sob a sua inspiração, apurada no estudo da natureza, o mais vulgar dos utensilios familiares, convertido n'um instrumento de fadas, requinta o affecto do ninho domestico, do *home* inglez, desabotoando jasmins e madresilvas, entretecendo de açacias e murta, esparzindo de fructos e flores, tapessando de relva, de passaros e arvoredos o interior satisfeito, amoravel, caricioso do lar, onde as virtudes civicas se nutrem á sombra das azas da familia. Ao seu toque as proprias asperezas do inverno arctico desencantam-se em poesia; e os *chrystaes* da neve fornecem á industria uma das mais gentis maravilhas da renda: o *ponto de neve*, cujas formas geometricas, de uma notavel belleza intrinseca, de uma infinita variedade, parecem estender, na gaze dos cortinados, a brancura da geada, onde vem poisar, illudido, o raio do sol estival, como aza de borboleta, ou afulvar-se, na estação dos gelos, a chamma alegre do fogão. Ao proprio barro communica o espirito e a eternidade. Em quanto as obras mais ambiciosas do homem desaparecem; emquanto as mumias dos conquistadores egypcios desfazem-se em pó, do solo da Grecia, das collinas de Thebas, das cinzas de Pompeia a ceramica antiga, cuja idade se conta por dezenas de seculos, nobilitada pelo gosto nos objectos de uso mais communs, imperecivel na sua fragilidade, vem narrar-nos, ainda hoje, o nome dos seus artistas, a fama dos possuidores das suas obras; e, depois de dar o seu nome, em Athenas, ao suburbio onde os athenienses estabeleceram a necropole dos seus heróes, cemiterio glorioso cujas columnas representavam a historia completa das campanhas atticas, como, por uma eloquente alliança entre a immortali-

dade e a argila, para significar a omnipotencia divinizada do genio e da arte, vem maravilhar o mundo, nas exposições universaes, com os productos deliciosos da olaria japoneza, incomparavel na originalidade do desenho, no frescor e na pureza do colorido, na graça de interpretação da natureza, na harmonia das linhas, na riqueza irriante das tintas. A arte, a verdadeira arte enfeixa nas mãos, e sabe communicar-as á bilha do obreiro como á taça do millionario, á terra cozida, ou ao oiro, todas as qualidades com que cada seculo, cada raça, cada estado de civilisação tem contribuido para os thesoiros inexauriveis do espirito infundido á materia pela intelligencia humana : a serena castidade dos gregos, a segurança e o vigor dos etruscos, a inventividade scintillante dos persas, a coloração magica dos chinezes, os effectos impressivos da decoração japoneza, a graça engenhosa das combinações arabes, a abundancia luxuriante dos italianos, o mimo dos arabescos de Rouen e Nevers, a elegancia senhoril da antiga Sèvres. — Affaga com a mão creadora a rijeza do carvalho, do ébano, da nogueira ; e a fibra nodosa da madeira desentranha-se em rácidos de flores, arregaça-se em festões de hera, reproduz aos sentidos enfeitados a meiguice do ar, a tenrura do botão, a flexibilidade do galho, a maciez da folha, a esbelteza do caule, o aveludado da pétala, a expressão, a vida, o aroma ; e, sem esquecer a vida austera do trabalhador, com algumas linhas de severa simplicidade, com alguns chanfros nas arestas, com alguns rapidos motivos de gravura, improvisa modelos de marcenaria, onde a precisão, a symmetria, o donaire competem com a solidez. Ella ensina áquelles cujo destino é regarem o pão com o suor do seu rosto a ver no trabalho, não uma pena, mas um apanagio da especie humana, descobrindo nas modificações mais imperceptiveis, nos phenomenos mais humildes, nos menos

sentidos aspectos do universo, um infinito de bellezas inenarraveis, desde a opulencia festiva da flora tropical para engrinaldar os berços, até á amiga melancolia do musgo, que alfombra o leito do descanso imperturbavel. « Quando já de arvores e plantas não ha mais prestimo que nos valha, o musgo carinhoso e o lichen alvadio velam juncto da pedra tumular. As selvas, as flores, aservas dadivosas por algum tempo nos auxiliaram ; mas estes servem-nos para sempre Arvoredo para o vergel ; flores para a alcova nupcial ; messes para o celleiro ; para o sepulchro, o musgo. » (*)

Nesse regaço, risinho para todos como o firmamento azul, todas as paixões se depuram, todos os excessos se corrigem, todas as baixezas se repellem, todas as satisfações se desprendem de egoismo, todas as tristezas se repassam de benevolencia. Dir-se-hia que Goethe não se extasiava noutra imagem senão nesta, na arte, no querido idolo do seu culto, quando, naquelles versos cuja transparencia lembra a atmospherã grega, nos define em Sakontala, a perola indiana, o mundo inteiro da bondade, da graça e dos prazeres immaculados : « Queres as flores da primavera e os fructos do outomno ? Queres o que encanta, e arrebatã ? Queres o que nutre, e satisfaz ? Queres em um só nome abranger o ceu e a terra ? Nomeo-te Sakontala, e disse tudo ! » (**)

Explorada, na média idade, em beneficio das oppresões mais ou menos odiosas que esmagaram então o ge-

(*) RUSKIN : *Modern Painters*.

(**) Willst du die Blüthe des frühen, die Früchte des späteren Jahres,
Willst du, was reizt und entzückt, willst du was sätigt und nährt,
Willst du den Himmel, die Erde mit einen Nahmen begreifen :
Nenn' ich, Sakontala, dich, und so ist Alles gesagt.

(GÖTTE, *Antiker Form sich nähernd*. Ed. de
HEINRICH DÜNTZER, 1882, vol. I, p. 109). ^g

nero humano, coube ao nosso seculo de pacificação e de justiça familiarisal-a com os desafortunados, com os pequenos, com os que batalham dia a dia pela vida. « A grande lição da historia », diz o maior mestre em assumptos de arte que este seculo já produziu, « é que, tendo sido sustentadas até aqui pelo poder egoistico da nobreza, sem que nunca se estendessem a confortar, ou auxiliar, a massa do povo, as artes do gosto, practicadas e amadurecidas assim, concorreram unicamente para acelerar a ruina dos Estados que exornavam ; de modo que, em qualquer reino, o momento em que apontardes os triumphos dos seus maximos artistas, indicará precisamente a hora do desabamento do Estado. Ha nomes de grandes pintores, que são como dobres funerarios: o nome de Velasquez annuncia o traspasso de Hespanha ; o de Ticiano, a morte de Veneza ; o de Leonardo, a ruina de Milão ; o de Raphael, a queda de Roma. Coincendencia profundamente justa ; porquanto está na razão directa da nobreza d'esses talentos o crime do seu emprego em propositos vãos ou vis ; e, antes dos nossos dias, quanto mais elevada a arte, tanto mais certo o seu uso exclusivo na decoração do orgulho, ou na provocação da sensualidade. Outra é a vereda que se nos franqueia. Demos de mão á esperanza, ou, se preferis, renunciemos á tentação das pompas e louçanias de Italia na sua juventude. Não é mais para nós o throno de marmore, nem a abobada de oiro ; o que nos toca, é o privilegio, mais eminente e mais amavel, de trazer os talentos e os attractivos da arte ao alcance dos humildes e dos pobres ; e, pois que a magnificencia das passadas eras cahiu pelo exclusivismo e pela soberba, a nossa pela sua universalidade e pela sua huuildade se perpetuará. Os quadros de Raphael e Buonarotti deram apoio ás falsidades da superstição e majestade ás phantasias do mal ; a missão, porém, das nossas artes é instruirem

da verdade a alma, e moverem á benignidade o coração. O aço de Toledo e as sedas de Genova só á oppressão e á vaidade aproveitaram, imprimindo-lhes força e lustre ; ás nossas fornalhas e aos nossos teares o destino de reanimar os necessitados, civilisar os agrestes, e dispensar pelos lares cheios de paz a benção e a riqueza do goso util e da ornamentação simples. » (*)

Entre nós, porém, senhores, tirante esta excepção esplendida, que nos transporta ao seio de outra civilização, ainda se não começa a curar d'este interesse, vital para a importancia politica do Estado e para o socego interior da republica. Achamo-nos ainda no periodo de sermos dirigidos pelas trevas. A tenção de armas dos salvadores da patria, entre nós, podia bem ser a phrase delirante de Ajax, nodrama grego : « Obscuridade, ó minha luz ! » (**)

O Estado ainda não aprendeu outro meio de accudir ás crises, e remover os *deficits*, senão endividar-se, e tributar. Solicitae dinheiro para o ensino, e vereis apurarem-vos migalhas. Em palavras, todas as homenagens á instrucção popular ; nos factos, uma avareza criminosa. Não é a terra, nem o numerario, o que constitue a riqueza das nações, mas a intelligencia do homem : eis a lei fundamental da verdadeira sciencia das finanças. Aqui, porém, se a theoria a admite, a practica a rejeita. O orçamento do ensino cresce gotta a gotta : tem direito a milhares de contos, e recusam-lhe centenas de mil réis. Para tudo se contraem emprestimos, e abrem operações de credito ; para a educação do povo, nunca ! Não se convencem de que a instrucção não tem preço. Os processos scientificos de Pasteur descobrem a origem da enfermidade que arrui-

(*) RUSKIN : *The two paths*.

(**) SOPHOCLES : *Ajax*.

nava a sericultura, instituem os meios de prevenil-a ; e essa conquista immaterial sobre a ignorancia é apontada por Huxley como um dos recursos mais consideraveis de reparação para as brechas financeiras abertas á França pela guerra de 1870. Nem vae nisso hyperbole ; porque a molestia do bicho de seda, em dezeseite annos, inflingiu ao paiz uma perda de quinhentos mil contos.

Quanto valerá uma semente capaz de taes fructos ?

A industria queixa-se, e definha. Que remedio lhe aconselham ? A instrucção ? Não ! O regimen protector, isto é, uma combinação de impostos ; porque, senhores, sem querer discutil-o aqui, o character predominante da theoria protecçionista é, e ha de ser sempre, aquelle com que o senso commum e a evidencia o definem : o protecçionismo não passa de uma finta imposta ao consumidor em beneficio de uma classe de productores indigenas. Mas, como quer que seja, nem o protecçionismo nem a permutação livre são capazes de criar valores, de melhorar a qualidade dos productos. Um e outro não são mais que agentes de distribuição, para proporcionar aos valores existentes condições de mercado mais ou menos vantajosas. Qual é, pois, a incognita desta difficuldade ? Responderei com as palavras de um ministro austriaco, o barão Scharz Semborn. Parodiando o dicto de um antigo general, que, a respeito da guerra, affirmava — « Para vencerdes, tres coisas haveis mister : primeira, dinheiro ; segunda, mais dinheiro ; terceira, ainda mais dinheiro » — esse estadista exprimia-se assim : « Ao meu ver, cada mestre é um general, um combattente contra a ignorancia e a superficialidade. Ora, para mim tenho a falta de instrucção como a raiz de todos os males, que ha na terra ; e não vejo outro meio de debelal-a, senão tres coisas : primeiro, instrucção ; segundo, mais instrucção ; terceiro, muito mais instrucção. »

A solução do problema, conseguintemente, é esta :
crear a educação industrial.

Más somos uma nação agricola. E porque não tam-
bem uma nação industrial ? Fallece-nos o oiro, a prata,
o ferro, o estanho, o bronze, o marmore, a argila, a ma-
deira, a borracha, as fibras textis ? Seguramente não.
Que é, pois, o que nos mingua ? Unicamente a educa-
ção especial, que nos habilite a não pagarmos ao estran-
geiro o tributo enorme da mão d'obra, e sobretudo da
mão d'obra artistica. Raro é o producto utilisavel, seja
de mero luxo, seja de uso commum, em que o gosto, a
arte, a belleza não constitua o elemento incomparavel-
mente preponderante do valor. Ora, como nós não pro-
duzimos senão materia bruta, o preço da nossa expor-
tação ficará sempre immensamente aquem da impor-
tação de arte, a que nos obrigam as necessidades da vida
civilisada. Nenhum paiz, a meu ver, reúne em si qua-
lidades tão decisivas para ser fecundamente industrial,
quanto aquelles, como o nosso, onde uma natureza as-
sombrosa prodigalisa ás obras do trabalho mechanic e
do trabalho artistico um material superior, na abun-
dancia e na qualidade. Na adiantada civilisação dos
nossos tempos, a industria é inseparavel da agricul-
tura. Tão intima é a sua afinidade, tão indissolvel o
seu consorcio, que escolas industriaes ha (na Baviera,
por exemplo), onde o ensino agricola, com o cunho pe-
culiar de arte que lhe cabe, fórma uma secção de es-
tudos, entre os cursos professados no estabelecimento.
Considerae os Estados-Unidos : segundo o recenseamento
de 1870, metade (5,922,471) da sua população occu-
pada (12,505,923) ainda se empregava na agricultura.
Cincinnati, a quarta cidade manufactora da União Ame-
ricana, tem a sua séde no centro de uma immensa região
agricola.

Mal formulada, pois, tem sido até hoje, a questão,

entre nós. Os seus termos são outros, e não consistem senão nisto : « Como havemos de extrahir o maior proveito dos nossos recursos naturaes, que, posto variados e amplos, não passam de simples bases da riqueza ? De que modo lograremos consummir em industrias domesticas a maxima parte da materia prima, que o solo nos fornece, multiplicando-lhe a valia ao toque magico do gosto e da habilidade technica ? » (*) Enunciado assim, o problema não tem solução possível, a não ser a que lhe dá o *Lyceu de Artes e Officios*. Criar a industria, é organizar a sua educação. Favorecer a industria é preparar a intelligencia, o sentimento e a mão do industrial para emular, na superioridade do trabalho, com a producção similar dos outros Estados. Cultivada assim, ella encontra em si propria o segredo de vencer : dispensa os obsequios do systema protector ; descultivada como se acha, os privilegios desse regimen, impondo ao consummo nacional uma industria sem arte, requintam o odioso da tyrania fiscal com a influencia desastrosa dos habitos de grosseiria que inculcam no espirito popular.

O dia em que o desenho e a modelação começarem a fazer parte obrigatoria do plano de estudos na vida do ensino nacional, datará o começo da historia da industria e da arte no Brazil. Se a regra da politica entre nós não fosse cuidar, por uma preferencia immemorial, do que menos importa ao paiz, essa data não estaria longe. Semear o desenho imperativamente nas escolas primarias, abrir-lhe escolas especiaes, fundar para os operarios aulas nocturnas desse genero, assegurar-lhe vasto espaço no programma das escolas normaes, reconhecer ao seu professorado a dignidade, que lhe

(*) J. B. STETSON.— *Modern Art Education. American preface*, p. XXVIII.

pertence, no mais alto grau de escala docente, par a par com o magisterio da sciencia e das lettras, reunir toda essa organisação num corpo coheso, fecundo, harmonico, mediante a instituición de uma escola superior de arte applicada, que nada tem, nem até hoje teve em parte nenhuma, nem jamais poderá ter, com Academias de Bellas-Artes, — eis o roteiro dessa conquista, a que estão ligados os destinos da patria. Não é uma aspiração do futuro ; é uma exigencia da *actualidade mais actual*, mais perfeitamente realisavel, mais urgentemente instante. Só o não comprehenderão os incapazes de perceber a importancia suprema da educação popular.

Permittam os nossos fados que a voz d'este dever cale quanto antes no animo dos nossos governos. Então só restaria premunirmo-nos contra um perigo, mais grave do que a permanencia do *status quo*. Não se inaugure o desenho no curriculo escolar sob o funesto espirito pedagogico de que é presa a instrucção nacional entre nós. Somos um povo de sophistas, e rhétores, nutrido de palavras, victima do seu mentido prestigio, e não reparamos em que essa perversão, origem de todas as calamidades, é obra da nossa educação na escola, na familia, no collegio, nas faculdades. O nosso ensino reduz-se ao culto mechanic da phrase : por ella nos advêm feitas, e recebemos in-verificadas, as opiniões que adoptamos ; por ella desacostumamos a mente de toda acção propria ; por ella entranhamos em nós o veso de não discernir absolutamente a realidade, ou de não discernil-a senão atravez dessas *Nuvens*, susceptiveis dos mais absurdos amalgamas e das configurações mais arbitrarías, em que a comedia de Aristophanes allegorisava a inanidade e as illusões da escola dos sophistas no seu tempo. Se a indole dessa pedagogia, indigna de tal nome, invadissee o ensino

artístico, antes nunca o houveramos lembrado! O desenho não é o producto da phantasia ociosa, mas o estudado fructo da observação accumulada. Sem observação, sem experiencia, não ha desenho. Elle tem a sua coordenação scientifica; tem a sua classificação necessariamente serial. Esterilizareis todos os vossos esforços, se vos não submetterdes á successão normal das suas phases. Que vale debuxar as formas complexas da criação, se não conheceis as fórmulas typicas, os elementos geometricos de toda a belleza? desenhar a perspectiva, se não tendes a intelligencia clara e practica das suas leis? o modelo em relevo, antes de adestrados na reproducção do modelo plano? a figura, antes de versados na ornamentação vegetal? a copia servil da estampa, em vez da interpretação estylisada dos objectos presentes? Que presta cultivardes a practica, sem possuir intelligente-mente os principios que regem a distribuição da fórma e da côr, ou a adaptação dellas aos infinitos recursos que nos subministra a natureza nessas duas direcções? Que aproveita adquirirdes esses principios, se a influencia de um meio apropriado e a lição viva de specimens superiores não saturarem de arte a atmospheria da escola?

Mas, scientificamente organizado — scientificamente, porque ha hoje uma verdadeira *sciencia*, como ha tambem uma *pedagogia*, da arte —, o ensino artistico rasga ao paiz um infinito de riquezas economicas e moraes.

A civilisação grega elevou as artes plasticas á mais fina perfeição na fórma, na expressão, na belleza, e estendeu-as aos objectos usuaes: mas estes eram então poucos. Hoje os artefactos uteis e decorativos compõem um numero innumeravel de especies, e occupam, no mundo, em uma proporção accentuadamente progressiva, milhões e milhões de artifices, milhares e milhares de artistas. Se a grandeza descommunal das cathedraes, dos palacios, dos monumentos antigos, já não é a preo-

cupação dominante da arte, um instituto mais nobre, mais moralizador, mais inexprimivelmente cheio de encantos a inspira, a senhorisa, a approxima do ideal; o de facilitar a todas as classes, debaixo do tecto domestico um asylo santificado pelos habitos de pureza, de modestia, de contentamento, que o gosto, sob as suas mais simples fórmas, derrama no ambiente, e instilla nas almas. Eis a primeiro bem deste movimento.

Depois, a educação industrial representa um dos auxiliares mais efficazes no nivelamento crescente das distincções de classes entre os homens, não deprimindo as superioridades reaes, mas destruindo as inferioridades artificiaes, que alongam dessa eminencia as camadas laboriosas do povo, isto é, elevando a um plano cada vez mais alto a acção e o pensamento do operario. A myopia intellectual é a mais constante geradora do egoismo. Incuti ao individuo habitos serios de observação, de disciplina mental, de applicação racional das nossas faculdades practicas, e o bello, nota universal na harmonia do universo, assumirá o seu dominio absoluto sobre as almas, propagando a fraternidade entre todas as classes, aniquilando todas as concepções de casta, e estabelecendo realmente entre todos os homens a egualdade moral, impossivel sem o desenvolvimento symmetrico de todas as aptidões humanas no individuo e na comunidade.

A democracia quasi não existe entre nós, senão nominalmente; porque as forças populares, pela incapacidade relativa em que as colloca a ausencia de um systema de educação nacional, estão de facto mais ou menos excluidas do governo. O ensino industrial, porém, infallivelmente inaugurará a iniciação dellas na obra politica do Estado. Certamente, a arte é a mais poderosa propagadora de paz. A nenhuma influencia humana assiste porventura tanto o direito de ennastrar

a frente no ramo da planta symbolica, que a lyra grega cantava em strophes immortaes, « a oliveira glauca, nutridora da infancia, que desvela os olhos de Zeus e a pupilla azulada de Athenè. » (*) No meio da campanha obstinada que precedeu a guerra peloponesia, os jogos isthmios e os jogos olympicos interrompiam as hostilidades; e os guerreiros da Hellade, inimisados pela mais sangrenta das luctas civis, depunham as armas, para fraternisar no seio da arte em Elis ou Corintho, cuja hospitalidade se franqueava até ás victimas da proscricção e do odio intestino. Inimiga inconciliavel das pendencias fraticidas, das rivalidades cruentas, das paixões rancorosas, dos dilaceramentos civis, a cultura artistica do trabalho, porém, é uma infatigavel influidora de energia politica. Foi durante os tempos da sua mais brilhante florescencia na antiguidade, que se ouviram aquellas grandes palavras de Péricles, na oração funebre dos mortos de Potidéa: « Só entre nós se considera no cidadão inteiramente alheio aos negocios publicos, não um homem pacifico, mas uma creatura inutil. »

A todos os beneficios, emfim, da cultura artistica, divulgada pela educação geral, accresce a ampliação immensa do mercado e a immensa dilatação do circulo dos apreciadores. De uma parte, a instrucção nos assumptos de arte, insinuada em todas as escolas, cria em cada individuo a necessidade irresistivel de consummir esse genero de productos; da outra, esses meios multiplos de contacto entre o artista e o tribunal da opinião abrem aos trabalhos de valor vehiculos innumeraveis para a reputação e a fortuna. As obras notaveis já não appellam para o publico unicamente pela tela, pelo desenho, ou pela esculptura original, senão pelos infinitos modos

*) SOPHOCLES.— *Oidipos em Kolonos.*

de reproducção industrial que se accumulam em nosso tempo : a gravura, a lithographia, a photographia, a helioplastia, a galvanoplastia, a moldagem sob os seus varios processos. Os que d'antes se dirigiam a um potentado, a uma corporação, ou a uma cidade, hoje têm por espectadores um paiz, um continente, ou uma epocha. Já o merecimento, a originalidade, a distincção não teem o seu destino e a sua liberdade fechados no corrilho de estreitas minorias, ou nas mãos de autócratas incapazes. O genio não carece mais de inscrever-se cortezão, e a arte já não terá que enrubecer dessas condescendencias, e gemer essas injustiças,

Culpa de reis, que ás vezes a privados
Dão mais que a mil, que esforço e saber tinham. (*)

Sem duvida, senhores, « a arte é um reflexo da vida social : esmerada, nobre e original, corresponde á maturidade de uma raça : barbara, pobre, ou emprestada, indica a decadencia de uma nação. » E, como certas compleições, eivadas por vicios hereditarios ou prematuros, nas quaes a juventude se corrompe em uma senilidade precoce, a nossa nacionalidade, em vez das qualidades sympathicas de uma adolescencia viril, vae accentuando os mais graves symptomas de uma extenuação geral, que assusta e amargura os amigos reflexivos do paiz. O scepticismo publico, a frieza popular ante os mais serios interesses da democracia, a inconsciencia nacional em presenca dos riscos mais temerosos, a incapacidade crescente dos estadistas, o arruinamento successivo dos nomes politicos, o descredito engravecente do poder, a innocencia infantil do governo ao pé das complicações mais perigosas, a desestima dos principios, as deserções de todo o genero, os compromissos clandestinos

13

(*) CAMÕES.— *Lusiadas*, VIII, XIII.

tinios explicando os factos mais sollemnes, o luxo ridiculo e nodoado das pequenas fortunas, o uso egoistico e esteril da riqueza, a afilhadagem universal, a postergação accintosa e proverbial do merito, um mesquinho industrialismo, a indolencia, a tibieza, a flacidez de uma anemia profunda e adeantada enchem de sombras a alma dos verdadeiros patriotas. Pensa-se nas gerações vigorosas dos nossos antepassados, e pergunta-se de que modo traspassaremos aos nossos descendentes a sagrada herança da patria. O coração contrae-se, nesses momentos, em toda a intensidade daquella angustia, mescla de saudade filial, de anciedade paterna, de dignidade civica, de incommensuravel soffrimento moral, que brame e soluça nos versos do poeta italiano :

Volgiti indietro, e guarda, O patria mia,
Quella schiera infinita d'immortali,
E piangi, e di te stessa ti disdegna:
Che senza sdegno omai la doglia è stolta:
Volgiti, e ti vergogna, e ti riscuoti,
E ti punga una volta
Pensier degl' avi nostri e di nepoti. (*)

Felizmente, porém, a nação ainda é demasiadamente nova, para não ter em si as forças de retemperar-se. A reacção é possível ; mas só a educação do povo será capaz de provocal-a, e utilisal-a. O *Lyceu de Artes e Officios* comprehendeu-o ; e, para levar irresistivelmente a cura á raiz do mal, fez da instrucção da mulher o ponto de partida e o fundamento da cultura das gerações vindouras.

Esta nova faee do apostolado que o *Lyceu* iniciou, encerra em si todo um poema de esperanças e fructos. Elle absorveria o vosso orador, que já agora mal póde roçal-o, a fugir, e levemente.

(*) GIACOMO LEOPARDI.

Não ha facto mais invariavel na vasta extensão da experiencia humana do que este : toda a influencia social que não tende a elevar, tende a deprimir ; se não estimula e exalta o espirito, fatalmente o vulgarisará. (*) Ora, a mais ineluctavel de todas as influencias que actúam sobre a formação da natureza humana em todos os seus elementos, é a mulher. Mãe, amante, esposa, filha, mestra, ella é a explicação do individuo e da sociedade. Os maiores homens, em todos os seculos, deveram as suas primeiras inspirações e os seus primeiros habitos de pensamento á providencia tutellar da sua infancia ; e, na individualidade mais obscura, a consciencia que perscrutar o fundo insondavel aos enigmas intimos da nossa existencia e do nosso destino, não descobrirá talvez uma vocação, uma idéa insistente, um sentimento solitario, cujas nascentes não se percam, entre os primeiros annos da vida, no seio de uma mãe. Ao inverso, portanto, do que até hoje se praticava, a cultura da mulher sobreleva em importancia á do homem ; todos os extremos, todos os sacrificios, todas as honras do Estado são poucas para a educação feminil, e a proclamação da egualdade dos dois sexos perante o ensino impõe-se como a legenda suprema da nossa propaganda. Eu diria, senhores, que a educação da mulher contém em si a educação do povo, como a terra mãe contém no seio o mundo infinito da vegetação, que a cobre, desde a rasteira graminea dos prados até ás selvas desafiadoras da tormenta. Uma sociedade onde esta reforma ainda não penetrou, dá a lembrar as edades tristes do nosso planeta, antes da primeira expansão da vida floral, quando as plantas ainda vegetavam sem fragrancia ; quando as primeiras corollas ainda não offerciam o nectar ambrosiaco das suas taças aos povoadores animados da

(*) JOHN STUART MILL.— *Dissertations and discussions*, vol. II, pag. 444.

creação; quando «o oceano de flores da floresta terciaria ainda não enlaçava o orbe na sua grinalda.» A mulher envolve e domina a esphera humana, como a saphira diaphana do firmamento envolve e domina a esphera terrestre.

Que diremos, pois, de uma instituição que allia em si, do modo como aqui as contemplamos, a cultura artistica e a cultura feminil? Que essa instituição decifrou o segredo do nosso futuro. A politica, a imagem da cegueira neste paiz, vae passando, a magoar a patria sob a ponteira do seu bordão ferrado, emquanto as questões, de redor, tumultuam, desdobram impunemente os seus estragos, «como o fogo nos vales onde sopra o vento» (*), para afinal cairem sobre a nação com todo o peso dos seus males imprevenidos, no meio da confusão crescente dos interesses, dos principios, atravez da qual parece estridular a ironia maligna do demonio da *Divina Comedia*, rindo da imprevidencia que não conta com a logica dos factos.

Tu non sapesti ch' io loico fossi.

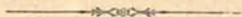
Resta, portanto, á iniciativa individual acordar o paiz. Neste sentido o *Lycêo de Artes e Officios* é um rasgo de herocidade moral que inspira aos mais incredulos uma confiança reanimadora. O nome de Bethencourt da Silva pertence ao numero dos benemeritos cuja condecoração incumbe á historia. Com elle os seus auxiliares, os entusiastas intrepidos, que se dedicaram á obra deste Evangelho vivo, formam, no horizonte do nosso paiz, a maior constellação do futuro. Se «o mal ensina o mal» (**), prasa aos céus que este bem semeie e reproduza indefinidamente a lição de tão esplendido exemplo. Apoie-se com firmeza no chão po-

(*) SOPHOCLES.— *Ajax*.

(**) SOPHOCLES.— *Elektra*.

pular. Appelle com tenacidade para as classes productoras. Descreia da velhice incuravel, estreitando de dia em dia mais a sua alliança com a mocidade, cujo prestimo o Lycêo solemnisa na homenagem de hoje, com a mocidade, em cujo seio ha batalhadores que pódem confundir as caducas pretenções da esterilidade encanecida com a replica de Háimon na tragedia antiga « Se sou jovem, julga-me antes pelas minhas acções do que pelos meus annos. » (*)

Deste modo chegareis a consummar victoriosamente o vosso compromisso; e, quando o paiz realizar a obra da emancipação contra a ignorancia, a peor de todas as servidões, caberá ao *Lycêo de Artes e Officios* a gloria incomparavel de ter assentado a pedra angular de um monumento mais forte do que os seculos.



(*) SOPHOCLES.— *Antigone*.

DISCURSO

PROFERIDO PELO

Dr. Adolpho Bezerra de Menezes

16

Meus Senhores.

O homem deve todas as suas qualidades e aptidões, primeiro á sua constituição nativa, e depois á influencia dos meios e dos agentes externos, que actuam com tanta maior efficacia, quanto agem sobre a mais tenra idade.

Quer isso dizer : que Deus nos deu as faculdades, que possuímos, mas deu-nol-as em embrião ; e que a nós, e só a nós, é que cabe desenvolvê-las ; principalmente na infancia.

Essa missão, de todas as que nos incumbe, a mais elevada, além de ser da maior conveniencia social, é, por igualdade de circumstancias, de summa necessidade pessoal.

* * *

A sociedade humana é um organismo vivo, tem vida propria como a tem o individuo ; e, pois, precisa, para o complemento de suas funcções, e para a manutenção de sua vitalidade, desenvolver os apparatus de que se serve, elaborar o sangue que a vivifica.

Os apparatus são — o cidadão — que é sua cellula geradora.

O sangue que lhe excita as fontes da vida, é a summa das eminentes qualidades daquelle elemento essencial a toda a associação humana.

Comprehende-se que, do alto nivel moral e intellectual do cidadão, depende a grandesa e o progresso real da sociedade edificada sobre essa pedra.

Não é, pois, indifferente á humanidade, que é a sociedade humana por excellencia, que o homem seja ignorante ou instruido, moralisado ou corrompido.

* * *

A necessidade pessoal deriva da natureza do nosso destino.

Dentre os seres creados, é o homem o unico que goza do inestimavel privilegio — da perfectibilidade.

E não poderá elle desempenhar-se dessa nobilissima prerogativa, que o afasta tanto mais do resto da criação quanto mais o aproxima do Creador, senão pelo cultivo das forças nativas que recebem *educando* e *instruindo* seu espirito.

A educação applica-se especialmente ás faculdades affectivas ; e prepara o homem moral.

A instrucção applica-se ás faculdades intellectuaes e prepara o homem esclarecido.

A educação e a instrucção são as duas columnas em que assenta o edificio da perfeição humana, donde po-

demos devassar os vastos e infinitos horisontes, cerrados com sete sellos aos que deixam ficar inertes, em esteril gremem, as potencias de sua alma.

* * *

E', pois, dever do homem e dever da sociedade humana preparar o menino para sua missão providencial e para sua missão social.

O meio é o ensino publico ; é a escola.

Mas a escola, só por si, como a entende o seculo, só nos dá o homem intellectual ; e nós já vimos : que isso é, apenas, metade de seu destino, e a metade menos valiosa, porque ninguem sustentará : que mais vale o sabio sem moralidade do que o ignorante adornado de virtudes. Ha, pois, indeclinavel necessidade de alterar os fundamentos da escola actual; de alargar-lhe a base, de modo que comprehenda o desenvolvimento simultaneo das forças affectivas da creança.

E isso não se obtem, creando um educador ao lado do professor ; mas sim constituindo professores, que sejam, tambem, educadores.

Na escolha dos livros ; na preferencia dos methodos empregados para o ensino, póde o professor facilmente fazer com que, a um tempo, se illumine a intelligencia do discipulo ; e se plantem em seu joven espirito os são principios da moral.

E' por isso que é facil multiplicarem-se as escolas ; mas difficillimo é provel-as convenientemente de professores.

Do criterio do professor, e só d'elle, depende, portanto o bom exito do ensino publico.

E, pois, quem tem a seu cargo esse importantissimo serviço, a um tempo, social e humanitario, deve pôr o maior cuidado na escolha dos que tem de preparar

o espirito da creança para a vida social e para a vida infinita ; para a sociedade dos homens e para a sociedade de Deus.

* * *

O Lycêo de Artes e Officios, digo-o sem suspeição, realisa nobremente o preclaro typo da verdadeira escola ; d'aquella que ensina moralisando e moralisa ensinando.

Ahi, o menino aprende a ser homem segundo a lei do Creador, e a ser cidadão segunda a lei humana.

D'alli, sahe elle instruido pelo estudo e moralisado pelo trabalho.

O espirito director d'essa escola sublime bem comprehende a divisa da humanidade ; e, se não pôde levar seus discipulos ao ultimo grão da perfeição, que não é dado alcançar na terra, e em tão curta existencia, faz, ao menos, que aproveitem vantajosamente a vida que Deus lhe deu, desenvolvendo suas faculdades e elevando seu espirito, duplo meio por onde hão de ascender, um dia, á verdadeira terra da promissão, á felicidade da familia, á felicidade da patria.

* * *

Que seja, portanto, acclamado Bethencourt da Silva — o mestre dos educadores brasileiros, e reconhecido o Lycêo de Artes e Officios — o modelo das escolas patrioticas, a unica verdadeiramente popular de nossa terra.

DR. BEZERRA DE MENEZES.



